

## **SITUAÇÃO DOS MERCADOS DE CARNE BOVINA E SUÍNA**

**Agosto de 2021**

Os mercados de carne bovina e suína dos Estados Unidos ainda sentem reflexos dos efeitos advindos da paralização dos frigoríficos em 2020. Durante os meses de março a maio do ano passado, por ocasião da disseminação do vírus SARS-CoV2 no país, vários abatedouros frigoríficos fecharam para adequação às novas normas de trabalho e para desinfecção.

Adicionalmente, com o fechamento do setor de *foodservice*, as empresas precisaram converter a sua produção para o consumo doméstico. Esses fatores levaram a uma pausa e restrição de abates, gerando um passivo de animais não-abatidos que, no caso de bovinos, somente foi consumido nos primeiros meses de 2021. No caso de suínos a situação foi ainda mais grave, pois, comparativamente aos bovinos, são animais que possuem um ciclo mais curto e vários produtores tiveram que realizar a eutanásia em parte do rebanho. Estima-se que entre 1 e 1,5 milhão de animais foram descartados. Eventuais perdas de produção foram compensadas pelo aumento no rendimento – já que houve maior tempo para engorda – mas a taxa de reposição do rebanho foi menor do que a esperada.

Assim, em função do longo ciclo de criação dos animais e pelo alto preço dos insumos, espera-se que o ano de 2021 e boa parte do ano de 2022 sustentem os preços atuais da carne bovina no varejo. Tal conjuntura pode ser um atrativo para as exportações brasileiras, que já têm demonstrado performance superior à do ano passado.

No caso de suínos, estima-se haver um descompasso entre o inventário de animais publicado pelo USDA e as estimativas (menores) do mercado. Com a demanda aquecida e aumento nas exportações, a pequena redução do total de animais parece não corresponder com a quantidade de animais abatidos, que tem sido inferior à taxa de 2020. Os preços de animais e de cortes estão elevados e tenderão a permanecer superiores aos praticados no ano passado durante todo restante deste ano. Elementos importantes como a detecção de peste suína africana na República Dominicana – a primeira em anos nas Américas – e a implementação de regras de bem-estar animal no estado da Califórnia devem ser acompanhados.

Abaixo estão apresentadas informações sobre a conjuntura do mercado americano de carne vermelha nos Estados Unidos.

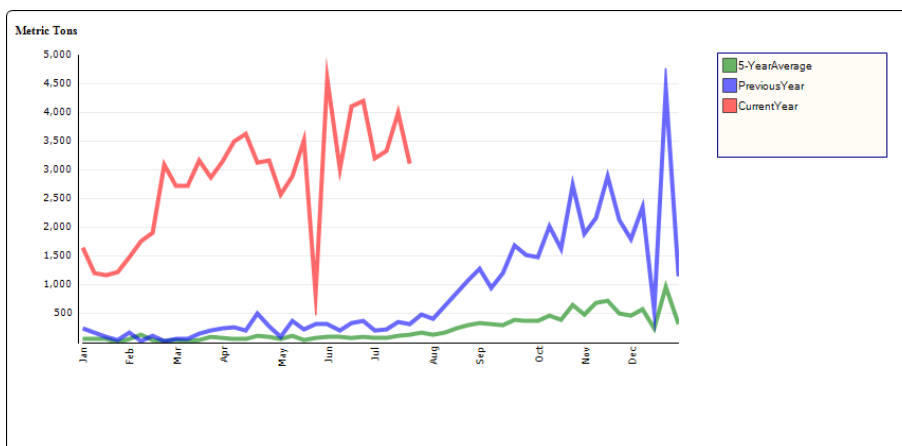
### **A – Carne Bovina**

*Comércio Internacional*

As exportações americanas seguem em franco crescimento. Dados do sistema GATS<sup>1</sup>, disponibilizados pelo *Foreign Agricultural Service* para os meses de janeiro a maio de 2021, demonstram que exportações alcançaram US\$ 3,77 bilhões em produtos da carne bovina – um crescimento de 23% quando em comparação com o mesmo período do ano passado. A quantidade exportada não acompanhou o mesmo crescimento, o que denota um aumento no preço dos produtos comercializados.

Com os dados disponíveis até então, para produtos de origem bovina, os principais destinos foram: Coreia do Sul (US\$ 909 mi, ↑27%), Japão (US\$ 856 mi, ↑3%), China (US\$ 486 mi, ↑1.159%), México (US\$ 371 mi, ↑17%) e Canadá (US\$ 289 mi, ↓6%). Quanto ao Brasil, os Estados Unidos venderam US\$ 331 mil – uma redução de 60%.

Diferentemente do ano passado, o comércio de carne bovina americana com a China mostrou um vigoroso crescimento. Isso se explica pela retirada das restrições tarifárias e sanitárias sobre os produtos americanos, graças à Fase 1 do Acordo Comercial. Além disso, a retomada antecipada do crescimento pós-Covid aumentou o apetite do país asiático. Dados do *Export Sales Report Program* (ESR) mostram que as vendas semanais de cortes de músculo bovino (frescos, resfriados ou congelados) seguem aceleradas, em ritmo superior ao verificado no último trimestre de 2020 (gráfico 1). Aparentemente, a tendência é de manutenção de vendas elevadas no restante do ano, conforme indicam os dados de vendas pendentes (*outstanding sales*<sup>2</sup>) – na época da confecção deste relatório, o volume total estava na casa de 37 mil toneladas.



**Gráfico 1.** Exportações para a China de cortes de músculo bovino (frescos, resfriados ou congelados) dos Estados Unidos. Fonte: ESR Program.

<sup>1</sup> Nesse relatório, foram utilizados os seguintes parâmetros: *Product Type*: “Exports” e “Imports – General”, *Product Groups*: BICO (HS-6), *Products*: “Beef & Beef Products” e “Pork & Pork Products”. Tal categoria de produtos engloba tanto os congelados, quanto os resfriados, os frescos e os industrializados.

<sup>2</sup> Conforme definição do ESR, *outstanding sales* significa: o total de contratos de exportações pendentes por um dado país e ou *commodity* que ainda não foi despachado em nenhum momento do ano comercial.

No último relatório WASDE<sup>3</sup>, publicado em julho desse ano, a projeção de exportações totais americanas sofreu uma leve correção para baixo e está estimada em 3,422 bilhões de libras (ou 1,55 milhão de toneladas). Apesar disso, esse valor ainda apresenta um acréscimo de quase 16% na exportação de produtos de origem bovina no ano de 2021.

No que diz respeito à importação de carne bovina, de janeiro a maio de 2021, os Estados Unidos adquiriram US\$ 2,96 bilhões – um aumento de 4% no mesmo período do ano passado. Os principais parceiros comerciais dos Estados Unidos são o Canadá (US\$ 878 mi, ↑34%), o México (US\$ 679 mi, ↑5%), a Nova Zelândia (US\$ 415 mi, ↓5%), a Austrália (US\$ 412 mi, ↓37%) e o Brasil (US\$ 227 mi, ↑126%).

Os produtos brasileiros mais importados pelos EUA continuam sendo as carnes processadas (US\$ 170 mi, ↑70%), seguido das carnes *in natura* congeladas (US\$ 54,7 mi, ↑5.506%) e frescas (US\$ 1,86 mi, ↑2.273%). A razão para os elevados números na variação do comércio de carne *in natura* entre 2020 e 2021 se deve à chegada dos primeiros carregamentos de carne bovina *in natura* chegarem aos EUA apenas em meados de maio de 2020, contaminando a média do período. Recorde-se que a reabertura do mercado americano para esse produto ocorreu apenas em fevereiro de 2020.

À luz da conjuntura doméstica, explicada a seguir, o prognóstico para as exportações brasileiras é positivo.

### *Mercado Doméstico*

O espalhamento do vírus SARS-Cov2 nos Estados Unidos causou um efeito cascata em todo o sistema de carnes dos Estados Unidos. Com a contaminação de funcionários, vários frigoríficos abatedouros tiveram que interromper suas operações para a realização de desinfecção e de rastreabilidade dos casos de Covid notificados. Em alguns casos, estabelecimentos ficaram fechados por vários dias. Além disso, os órgãos de saúde americanos publicaram normas de segurança rígidas que, em um primeiro momento, acabaram por reduzir a capacidade de processamento desses estabelecimentos. Com isso, houve um excesso de animais disponíveis em campo que, segundo relatos de consultorias especializadas, resultou em um passivo finalizado somente no mês de março de 2021 (aprox. 600 mil animais).

Apesar dos esforços de vacinação no país, a pandemia de Covid ainda não terminou e o setor de proteína animal americano ainda está apreensivo com a chegada de novas variantes.

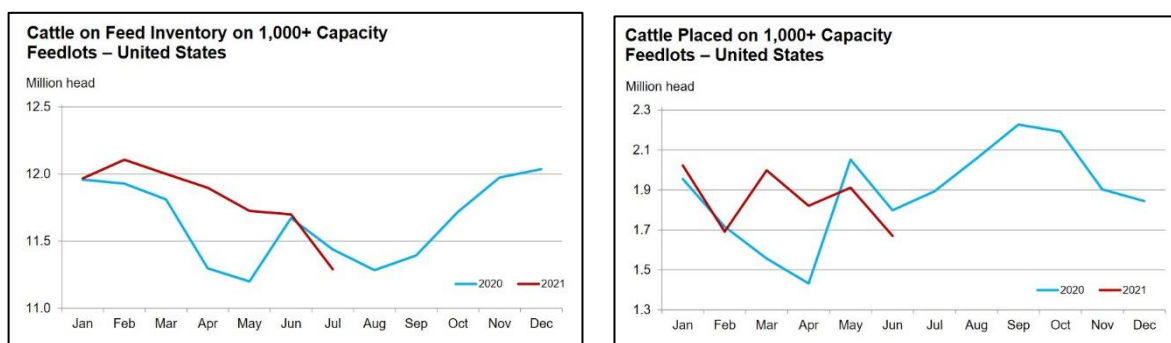
Além disso, o padrão de consumo também foi alterado. Com o fechamento do setor de *food service* no ano passado, setor responsável pela aquisição de cerca de 50% da produção para a

---

<sup>3</sup> World Agricultural Supply and Demand Estimates.

preparação de alimentos, a maioria das compras de produtos cárneos ocorreu para o consumo doméstico. Esse padrão ainda persiste e o americano tem ingerido uma quantidade maior de proteínas. Por essa razão, e com o retorno dos serviços oferecidos em bares e restaurantes, a demanda segue aquecida.

Do lado da oferta, o *National Agricultural Statistics Service* (NASS) informa que a quantidade de animais está estimada em 101 milhões de cabeças, 1% abaixo da avaliação de julho de 2020, e a quantidade de bezerros disponíveis apresenta uma ligeira queda. De igual forma, o total de bovinos em confinamento<sup>4</sup> também está 1% abaixo do ano passado e o número de animais entrando em confinamento está 7% menor (vide gráficos 2 e 3).

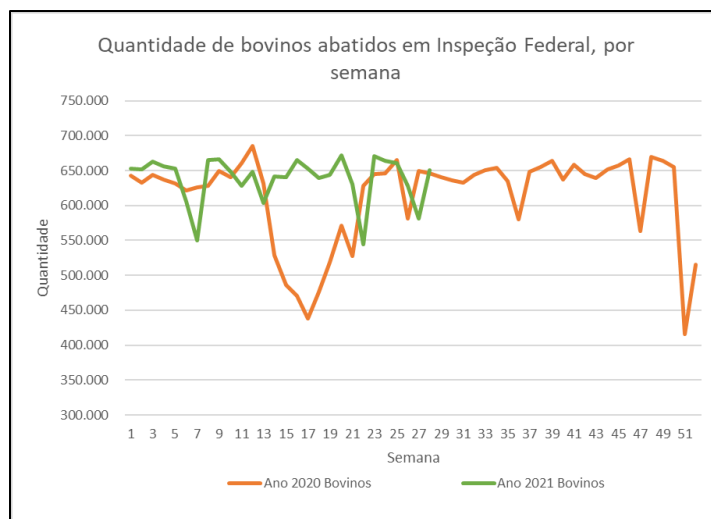


**Gráficos 2 e 3.** Inventário e ingresso de animais em confinamento com capacidade superior a mil animais. Fonte: NASS<sup>5</sup>.

Os níveis de abate estão próximos ao nível registrado no mesmo período do ano anterior, e deverá oscilar próximo do realizado no ano anterior – com uma pequena redução no quarto trimestre.

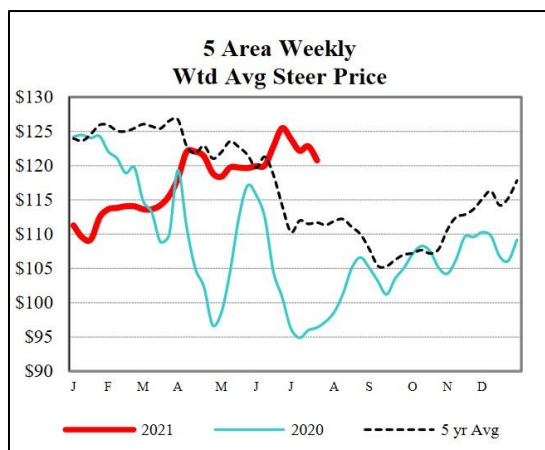
<sup>4</sup> O NASS contabiliza apenas a quantidade de animais introduzidas em confinamentos com capacidade superior a 1000 cabeças.

<sup>5</sup> *Cattle on Feed*, relatório liberado no dia 23 de julho.



**Gráfico 4.** Quantidade de bovinos abatidos em Inspeção Federal. Em 2021, a queda na 7 semana (fevereiro) se deve à nevasca no Texas e na semana 23 (fim de maio) pelos ataques cibernéticos à JBS. Fonte: AMS<sup>6</sup>.

O fato mais importante, segundo apontado por consultoria especializada no mercado de carnes, é a baixa disponibilidade de bezerros para a recomposição do plantel. Além disso, veículos de mídia também ressoam uma possível redução no número de novilhos disponíveis para abate entre o último trimestre e todo o ano de 2022 de perto de 490 mil cabeças – uma queda de 1,8% no ano de 2022. É importante notar que o preço médio ponderado na venda desses animais nas cinco principais regiões produtoras<sup>7</sup> já está acima da média dos últimos cinco anos.



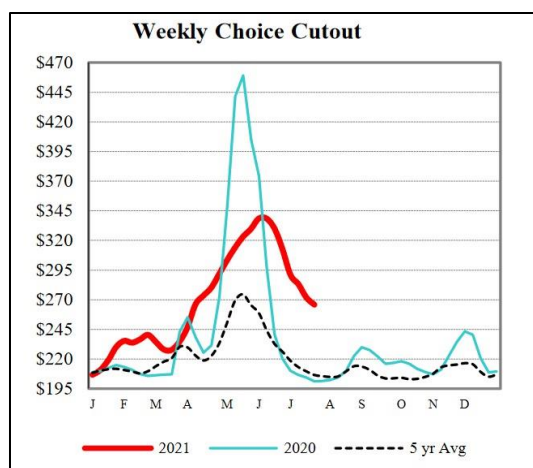
**Gráfico 5.** Preço médio ponderado de novilhos praticado em 5 praças nos Estados Unidos. Fonte: AMS<sup>8</sup>.

<sup>6</sup> *Federally Inspected Slaughter by Species and Day – US* (compilados do relatório SJ\_LS711).

<sup>7</sup> Região 1: Texas, Oklahoma e Novo México; Região 2: Kansas; Região 3: Nebraska; Região 4: Colorado; Região 5: Iowa/Minnessota. Preço praticado na venda em confinamentos.

<sup>8</sup> *5 Area Daily Weighted Average Direct Slaughter Cattle – Negotiated* (Relatório LM\_CT100). Publicado em 02 de agosto de 2021.

Assim, com as demandas interna e de exportação aquecidas, e com a redução do inventário e menor reposição do plantel, a expectativa é de que os preços permaneçam aquecidos em 2022. Atualmente os preços semanais dos cortes tipo “choice” está na casa de US\$ 2,81/libra. Em 2020, o valor era de US\$ 2,0466/libra e, como se vê no gráfico 6, o valor está muito superior à média.



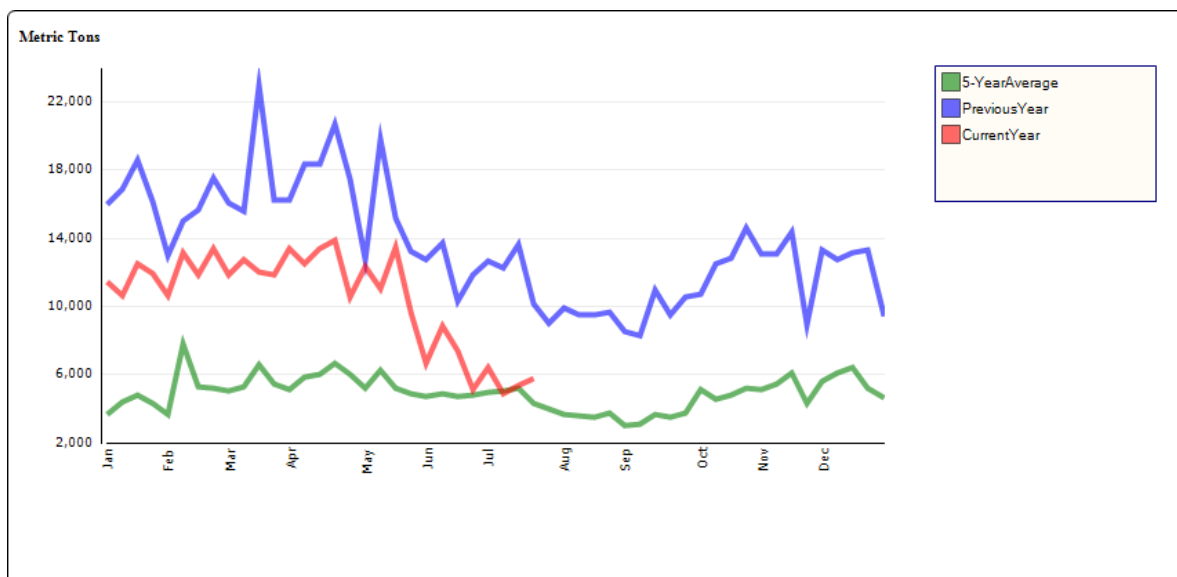
**Gráfico 6.** Preço semanal de cortes *choice* praticado nos Estados Unidos. Fonte: AMS<sup>9</sup>.

## B – Carne suína

### *Comércio Internacional*

As exportações americanas de carne e produtos da carne suína chegaram somaram US\$ 3,50 bilhões no período de janeiro a maio de 2021. Trata-se de um crescimento de 3% em comparação com o mesmo período do ano passado. Os principais destinos americanos foram: China (US\$ 856 mi, ↓23%), Japão (725 mi, ↑3%), México (US\$ 615 mi, ↑36%), Canadá (372 mi ↑18%) e Coreia do Sul (US\$ 273 mi ↑6%). Como se vê, o principal destaque é a queda nas exportações para a China, mas que ainda estão em valores superiores ao verificado na média dos últimos 5 anos. A redução pode ser explicada pelo excesso de oferta no mercado chinês, que resultou em uma baixa nos preços praticados localmente – parte do excedente seria função da venda de animais para a redução de perdas decorrentes da ressurgência da peste suína africana em plantéis, com produtores tentando minimizar eventuais perdas. Os dados de vendas semanais do programa ESR mostram vendas para a China ainda menores no início do terceiro trimestre deste ano – em toneladas, o nível de contratos pendentes está inferior à média de 5 anos.

<sup>9</sup> *National Daily Boxed Beef Cutout and Boxed Beef Cuts – Negotiated Sales - Afternoon* (Relatório LM\_XB403). Publicado em 02 de agosto de 2021.



**Gráfico 7.** Exportações para a China de cortes de músculo suíno (frescos, resfriados ou congelados) dos Estados Unidos. Fonte: ESR Program<sup>10</sup>.

A compensação das perdas nas vendas para a China ocorreu com a expansão agressiva em outros mercados, como o mexicano, o filipino (126 mi ↑299%) e o colombiano (93 mi, ↑46%). Em maio, a porcentagem de produtos exportados atingiu mais de 33% da produção interna – um recorde. A expectativa de consultorias especializadas é de que as exportações americanas permaneçam elevadas, em patamar superior ao do ano passado.

O relatório WASDE de fevereiro, utilizado na análise desta adidância em março passado, apontava uma ligeira queda nas exportações. Entretanto a versão utilizada na confecção deste relatório (julho) parece corroborar a posição do mercado e estima aumento de 3,7% nas vendas externas em 2021 (um total de pouco mais de 3,42 milhões de toneladas<sup>11</sup>).

Durante o ano de 2020, os Estados Unidos compraram cerca de US\$ 1,5 bilhão em carne e produtos da carne suína de outros países. Os principais parceiros comerciais foram o Canadá (US\$ 874 mi), a Dinamarca (US\$ 121 mi) e a Itália (US\$ 121 mi). Já em 2021, até maio, os mesmos países seguem como principais fornecedores e aumentaram as exportações em 27, 44 e 28%. O Brasil figura como sexto maior exportador e vendeu aproximadamente 15,6 milhões de dólares – 28% a mais do que no mesmo período do ano passado. No total, as importações americanas em 2021 cresceram 31% em valor.

<sup>10</sup> Importante destacar que o Programa ESR não compila todos os dados de exportação, mas deve ser encarado como um indicativo/proxy da performance exportadora.

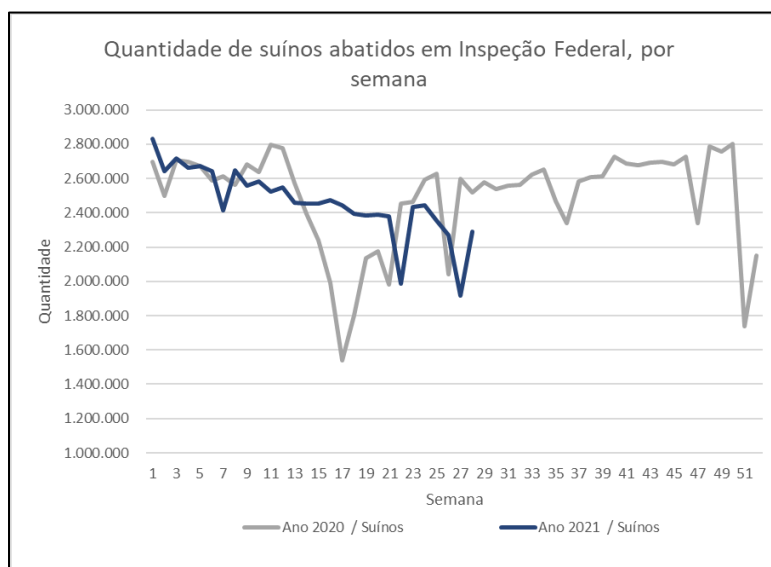
<sup>11</sup> Original em libras: 7,552 bilhões.

### *Mercado doméstico*

Da mesma forma como no caso de bovinos, o ano de 2020 registrou um excesso de suínos – parte eutanasiada – devido à paralização dos frigoríficos. Mesmo assim, a produção naquele ano superou a de 2019 em quase 2,4% - totalizando 12,84 milhões de toneladas.

De acordo com o *National Agricultural Statistics Service* (NASS), o inventário nacional de suínos em dezembro de 2020 chegou a 77 milhões de cabeças, sendo 8,15% de matrizes. Em junho de 2021, esse número caiu para 75 milhões, com 8,23% de matrizes – em números absolutos, a redução de matrizes foi de 46 mil cabeças. A previsão do mercado é de que o número divulgado pelo USDA está desalinhado com a realidade e que, futuramente, alguma correção irá ocorrer. Não há uma estimativa clara de quantos animais estão realmente disponíveis, mas especula-se que o número seja bem menor e que esteja afetando nos preços atuais.

O abate de animais está em ritmo menos intenso do que o verificado no período imediatamente após a reabertura dos frigoríficos nos Estados Unidos. Isso, juntamente com os preços elevados, sugere um desalinhamento entre oferta e abate, tal como estimado pelo mercado.



**Gráfico 8.** Quantidade de suínos abatidos em Inspeção Federal. Em 2021, a queda na 7 semana (fevereiro) se deve à nevasca no Texas e na semana 23 (fim de maio) pelos ataques cibernéticos à JBS. Fonte: AMS<sup>12</sup>.

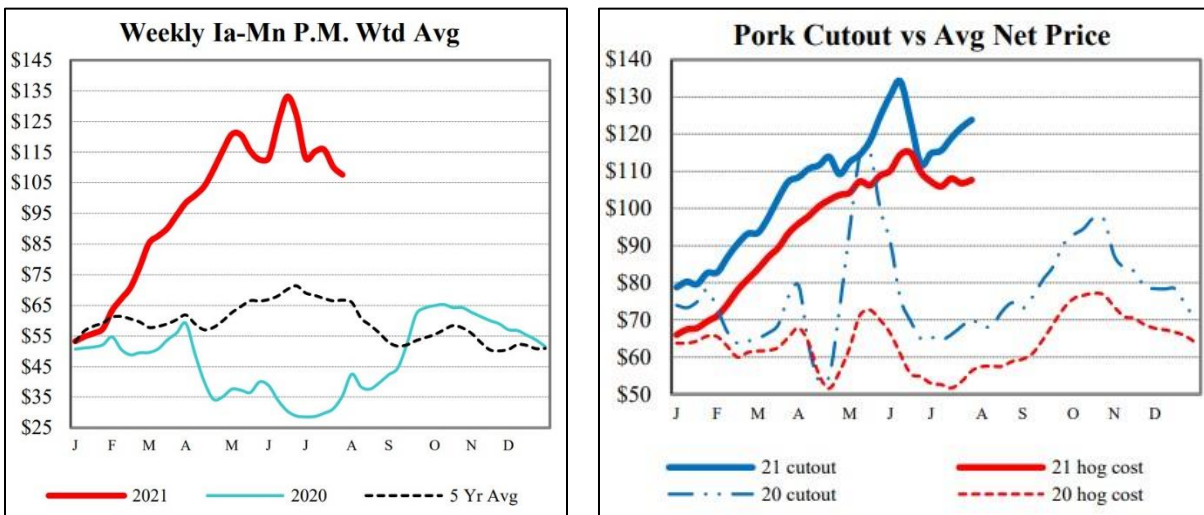
O consumo interno, a demanda exportadora e a menor disponibilidade têm elevado o preço dos animais ao longo dos meses. Esse cenário tem sido observado desde fevereiro, tal como demonstrado no gráfico 9, que apresenta o preço de comercialização de machos castrados e

<sup>12</sup> *Federally Inspected Slaughter by Species and Day – US* (compilados do relatório SJ\_LS711).



fêmeas na região de Iowa e Minnesota. Em meados de junho, o valor chegou a ultrapassar a casa de US\$ 1,30/libra; hoje o valor está em aproximadamente US\$ 1,06/libra.

Já no gráfico 10, é possível verificar o preço dos cortes praticados pelos frigoríficos nos Estados Unidos. É interessante notar que os preços atingiram recorde no mês de junho, entretanto, segundo informações obtidas por consultoria especializada, acredita-se que a máxima do ano já foi ultrapassada, mas os preços ainda permanecerão elevados – acima dos praticados em 2020.



**Gráfico 9 e 10.** Gráfico da esquerda (9): Preço médio ponderado semanal de machos castrados e fêmeas comercializados em Iowa e Minnesota. Valores mostrados em dólar por 100 libras. Gráfico da direita (10): Preço de cortes de suínos e média de preços líquidos. Fonte: AMS<sup>13</sup>.

Por fim, entendo que alguns fatores merecem acompanhamento. Em primeiro plano, destaco a identificação de animais de produção infectados pelo vírus da peste suína clássica na República Dominicana. Essa é a primeira vez que a doença chega nas Américas em anos e o fato levantou preocupações no setor produtivo americano e nas autoridades sanitárias. Em segundo lugar, informo que, a partir do ano que vem, será implementada uma nova lei de bem-estar animal no estado da Califórnia, aprovada em 2018, que exige mais espaço para galinhas poedeiras, para matrizes de suínos e para novilhos(as). Caso os produtores não cumpram com as diretrizes, produtos derivados desses animais ficarão proibidos de serem comercializados no estado. Produtores de vitela e de ovos estão otimistas quanto ao cumprimento dos requisitos. Entretanto, no caso de suínos, estima-se que apenas 4% das operações atendam as determinações da lei estadual. A lei já foi contestada no judiciário pelo setor produtivo, sem acolhimento do pleito.

<sup>13</sup> *National Daily Hog and Pork Summary*. Publicado em 02 de agosto.